

FAMÍLIA E ESTRUTURA DE CLASSES EM SANTA CRUZ DO SUL

Lilia Montali

I - INTRODUÇÃO

Pretende-se neste capítulo apresentar com base nas entrevistas realizadas e dados secundários alguns traços característicos da família em Santa Cruz do Sul, sua organização e sua reprodução no momento presente (1). Posteriormente pretende-se desenvolver um estudo mais aprofundado das transformações da família associadas à evolução do capitalismo e das forças produtivas na área.

A estratégia que adotamos para o estudo da família no presente, muito próxima do encaminhamento geral da própria Pesquisa Nacional de Reprodução Humana, foi a de uma divisão do mesmo em duas etapas. A etapa atual se limita à tentativa de indicar a especificidade da reprodução das famílias inseridas diferencialmente na produção social, considerando-as referidas à sua base econômica. Por ocasião do estudo das instituições em Santa Cruz do Sul o tema deverá ser retomado e então serão abordados os aspectos superestruturais da instituição família.

A família é aqui entendida não apenas enquanto instituição em que se apoia a reprodução, mas também como um grupo de pessoas relacionadas por parentesco ou afinidade que usufruem de orçamento comum sob uma determinada situação de classe (2).

A situação de classe da família tem influências sobre a organização e as estratégias de sobrevivência do grupo no cotidiano. Atua também sobre sua reprodução biológica assim como sobre a estratégia de reprodução da situação de classe dos filhos por ela gerados.

Procurou-se aqui, através das verbalizações dos entrevistados

(1) Na versão inicial deste texto, enquanto relatório de campo "A família em Santa Cruz do Sul", colaborou Lucia M. Bogus.

(2) Utiliza-se o conceito situação de classe como indicação ainda que precária de classe. É um conceito limitado ao nível econômico, à condição objetiva da inserção do indivíduo na produção social, estando implícita nessa inserção sua condição de proprietário de meios de produção ou de vendedor de força de trabalho.

e do conhecimento das características da expansão do capitalismo na área, reter ainda que palidamente as alternativas percebidas pelas famílias diferentemente inseridas na produção social como estratégias de reprodução da sua situação de classe no dia a dia, e de reprodução da situação de classe de seus filhos.

Vale ressaltar que ao relacionar situação de classe e reprodução não se tem por pressuposto que a situação de classe dos indivíduos seja dada por aquela dos pais. Não cabe um tal pressuposto por vários motivos teóricos e também pelo fato de que a família de uma determinada classe não se reproduz enquanto classe, mas enquanto indivíduos, isto é, enquanto força de trabalho a inserir-se no mercado. De fato essa força de trabalho pode receber maior ou menor qualificação dependendo muitas vezes da situação de classe da família de origem e assim concorrer no mercado a melhores posições. Ou ainda por herança os indivíduos (filhos) podem assumir a situação dos pais, como por exemplo a de proprietário de meios de produção.

Excluindo esta última hipótese em que proprietários poderiam reproduzir proprietários, de uma maneira geral o que medeia a reprodução de uma classe não é a família, mas é o mercado em um momento determinado do desenvolvimento das forças produtivas e do capital.

A família, enquanto instituição transmissora da propriedade e pelo seu contrário da não propriedade, pode atuar como um elemento importante na reprodução da situação de classe de seus descendentes, mas em última instância o que determina as situações de classe desses elementos não é a família mas a dinâmica do capital e seus processos inerentes de acumulação e proletarianização.

II - FAMÍLIA, REPRODUÇÃO E SITUAÇÃO DE CLASSE

Na presente tentativa de delinear as características de família em Santa Cruz do Sul recorreu-se às entrevistas abertas (3) como material empírico. Essas entrevistas embora em número não representativo das populações urbana e rural são utilizadas aqui como instrumento para indicar as diferenças na configuração da família e na estratégia de reprodução percebidas ao se dividir as famílias entrevistadas com base nas relações de produção. Deve ser lembrado que se entende aqui por estratégia de reprodução um todo que abrange tanto a reprodução de indivíduos como de suas condições de existência (5).

As famílias foram divididas com base na inserção de seus membros na produção social. O critério principal utilizado é a relação de propriedade associada à organização capitalista ou não capitalista da produção; o critério secundário: o caráter do trabalho relativo à produção de mais valia.

Chegou-se assim a 3 grupos principais de famílias: famílias proprietárias (capitalistas), famílias não proprietárias e famílias de produtores simples de mercadorias (não capitalistas) (5). Fracionou-se as famílias não proprietárias em: assalariadas diretamente produtivas e assalariadas indiretamente produtivas.

(3) As entrevistas que tiveram como foco a família foram realizadas utilizando-se de dois tipos de estratégia:

- uma visava obter informações sobre uma determinada família;
- outra embora pudesse também focalizar determinada família, tinha como fim reter informações de caráter mais global sobre a família em Santa Cruz, suas características, as mudanças percebidas e as tendências das mesmas. Nesta segunda perspectiva foram entrevistados além de mulheres também agentes de instituições educacionais, religiosas e assistenciais.

(4) Conceito semelhante de estratégia de reprodução foi utilizado por Paul Singer em "Comportamento Reprodutivo e Estrutura de Classe" — CEBRAP, mimeo, 1974.

(5) Mesmo considerando como dominante o modo de produção capitalista, encontrou-se nessa específica formação social, como indicado nos capítulos anteriores, evidências de formas não capitalistas que coexistem e são aparentemente úteis ao processo de acumulação capitalista.

II.1 - Famílias Proprietárias

As famílias proprietárias entrevistadas são urbanas e apresentam algumas características comuns tais como uniões estáveis realizadas no civil e religioso; 3 filhos tidos, em média (todos atualmente vivos); composta por pais e filhos ainda solteiros; número ideal de filhos oscilando entre 3 e 4. Em média apenas uma pessoa economicamente ocupada.

As informações colhidas em Santa Cruz não contrariam as hipóteses de Singer formuladas em "Comportamento Reprodutivo e Estrutura de Classe" citado, relativas à família empresária e sua reprodução mas trazem elementos novos a serem considerados.

As famílias proprietárias (empresárias) entrevistadas parecem vislumbrar duas distintas estratégias de reprodução de sua situação de classe, relacionadas ao volume do capital de que dispõem:

- As famílias com maior capital demonstram preocupação com a continuidade do empreendimento familiar através de seus filhos. Tendem a preparar tecnicamente ao menos um deles para esse fim. Essas famílias chegaram a mencionar a necessidade do curso superior de economia ou de administração de empresas para ao menos um de seus filhos, que deveria continuar os negócios da família.
- As famílias proprietárias de menor capital, e que eventualmente não percebiam como viável a expansão do empreendimento familiar, parecem não ter como preocupação a continuidade deste através dos filhos.

As verbalizações das famílias proprietárias de menor capital, evidenciam a alternativa percebida: preparar os filhos "para terem uma profissão no futuro". Isto parece significar que os filhos devem estudar, profissionalizarem-se, enfim prepararem-se para enfrentar a vida fora do empreendimento familiar. Se os recursos obtidos a partir da empresa não são suficientes para o sustento de novos adultos e suas prováveis futuras famílias, deve-se oferecer a eles instrumentos que lhes permitam sobreviver individualmente, eliminando ou reduzindo o risco da ruína do empreendimento. Parece ser essa a lógica da estratégia mencionada.

II.2 - Famílias Não Proprietárias

II.2.1 - Famílias Assalariadas Indiretamente Produtivas

Dentre as famílias não proprietárias, as assalariadas indiretamente produtivas são aquelas cujos membros estão inseridos predominantemente em trabalhos não produtores de mais valia, muito embora tal trabalho contribua indiretamente para a produção ou realização desta (6).

As características dessas famílias são: tamanho de 4 ou 5 pessoas; número de nascidos vivos por mulher oscilando entre 1 e 3, tendo apresentado essas 5 famílias a média de 2,5 filhos por mulher. Deve-se notar que mesmo as 2 mulheres com mais de 20 anos de união têm 1 e 3 filhos respectivamente. O número ideal de filhos expresso por todas as entrevistas é de 3.

A composição do grupo doméstico dessas famílias, curiosamente difere de todos os outros tipos aqui mencionados. As demais famílias estudadas são invariavelmente compostas apenas por pais e filhos ainda solteiros, enquanto que estas incluem, em sua maioria, as mães das entrevistadas. Explicando melhor, das 5 famílias assim inseridas na produção social, 3 incluem mães/sogra.

Esse tipo de família tem por início a união civil e religiosa sem exceções, e apresenta estabilidade. Apenas um recasamento foi registrado após viuvez de união anterior também civil e religiosa.

Muito embora as uniões sejam sancionadas religiosa e juridicamente, as mulheres (esposas) desse grupo de famílias são as que percebem com maior clareza a não existência de diferenças, enquanto prejuízo, entre o casamento legal e o não legalizado. O argumento das verbalizações é que atualmente, em caso de união estável, a lei ampara a mulher e os filhos. Estes são considerados pela lei como dependentes e os filhos podem ser registrados

(6) As atividades das pessoas dessas famílias são: professor 7 (4 secundários e 3 primários, sendo que um destes presta assessoria à indústria como engenheiro químico); contador em estabelecimento comercial; caixa executivo em estabelecimento financeiro (Banco do Brasil).

como do casal. "Hoje não existe a necessidade do casamento (legal)... (repetição do argumento)... O casamento é apenas uma regularização da situação por contato". Das 4 respostas obtidas sobre esse tema 3 apresentam a argumentação mencionada.

A família grande é valorizada por este grupo, por permitir maior cooperação entre as pessoas tanto no nível afetivo como no econômico, no entanto é frequente a afirmação de que "não se pode ter muitos filhos, para se conseguir orientar e educar (formalmente) a todos".

Ao filho nesse tipo de família não parece ser atribuído valor econômico, mas apenas emocional. O conjunto das verbalizações sugere que, na medida em que o filho não seja visto necessariamente como alguém que deva dar "retornos" à família de origem, mas sim como um "bem" que requer investimentos inclusive em sua educação (considerada sempre necessária), o ideal é que seu número não seja elevado.

Com relação à participação dos elementos do grupo familiar na força de trabalho, essas famílias caracterizam-se por terem sempre mais de uma pessoa ocupada. Em média trabalham 2 pessoas por família, quase sempre o casal. Em apenas um caso, ao lado do pai o trabalho da mãe é substituído pelo trabalho remunerado de 2 filhas maiores de 18 anos.

É interessante observar que exatamente nas famílias em que as esposas ocupadas estão em atividades remuneradas, é que se encontram residindo suas mães. Muito provavelmente a liberação da força de trabalho feminina foi condicionada pela existência de uma pessoa que a substituisse nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos, no caso todos pequenos ainda (2, 12 e 14 anos).

Estes fatos apontam a necessidade de se conhecer a estratégia de inserção dos elementos do grupo doméstico destas famílias no mercado de trabalho. É importante saber também em que situação o trabalho remunerado da mulher é solicitado ou ocorre. Deve-se conhecer como se reorganizam as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos com a participação feminina na força de trabalho.

Outra questão a ser respondida é quais outras atividades remuneradas a mulher, nesse grupo de famílias, desempenha em Santa Cruz. Caso predomine a de professora, se confirmaria a hipótese de que esta é uma alternativa remunerada de compromisso entre a atividade doméstica e a atividade profissional em uma sociedade conservantista onde a competição feminina não é aceita? (7)

Resta saber com maior exatidão qual seria, para as famílias assim inseridas na produção social como vendedoras de força de trabalho o principal condicionamento para o menor número de filhos: — a necessidade do trabalho e o preço elevado que obtém sua força de trabalho feminina, ou — o custo elevado do filho?

Tais questões ainda sem soluções nesta etapa da pesquisa, poderão ser respondidas pelas entrevistas da segunda etapa (8).

Depreende-se das entrevistas que, a estratégia percebida para a reprodução social dessas famílias, ou, para a reprodução de suas condições de existência a médio e longo prazos é a educação dos filhos. Não possuindo bens materiais essas famílias vêem a educação como o melhor legado para garantir que os filhos mantenham sua posição na sociedade.

II.2.2 - Famílias Assalariadas Diretamente Produtivas

Foram consideradas como famílias de assalariados diretamente produtivos aquelas cujos membros estão inseridos de maneira predominante em trabalhos diretamente criadores de mais-valia.

No estudo de Santa Cruz do Sul essas famílias foram subdivididas em 2 grupos diferenciados entre si pela periodicidade de seu trabalho, — assalariados permanentes, — assalariados temporários: compreendendo estes

(7) WOORTMANN, K.A.A.W. - "A mulher em Situação de Classe", América Latina, ano 8, nº 3, Julho/Setembro, 1965.

(8) Os resultados da pesquisa de campo utilizando questionário e história de vida — segunda etapa da Pesquisa Nacional sobre Reprodução Humana — CEBRAP — encontram-se em elaboração, não estando analisados no momento.

os safristas ou safreiros na área urbana.

- Assalariados permanentes

As entrevistas realizadas com assalariados permanentes, na zona urbana, demonstraram que a maioria das famílias pertencentes a esse grupo é proveniente da zona rural, como ocorre com grande parte da população urbana de Santa Cruz do Sul.

Os descendentes de alemães, são geralmente oriundos de famílias de pequenos proprietários, tendo se proletarizado após a venda da terra pelos pais, ou como consequência de terem permanecido à margem da partilha. Nesses casos, a fixação na zona urbana parece ter sido a solução encontrada, embora a cidade nem sempre tenha atendido às expectativas de maiores alternativas de trabalho e melhores condições de vida.

Dentre os "brasileiros" por ascendência, também encontram-se alguns ex-proprietários de terra, mas é maior o número dos que anteriormente eram, eles ou seus pais, parceiros, volantes ou agregados e que, como os do primeiro grupo, vieram para a cidade em busca de melhores possibilidades de emprego.

Estas famílias operárias são compostas por pais e filhos solteiros, existindo em média 3 ou 4 pessoas por household. As uniões são frequentemente consensuais e de caráter instável. O número médio de filhos tidos é de 4. Observou-se no entanto distinção entre famílias em que as mulheres entrevistadas tinham mais de 50 anos e aquelas de menos de 50 anos. As primeiras apresentam prole numerosa, tendo em média 6 filhos. As mulheres de fecundidade ainda não completada entrevistadas, são muito jovens e com tempo de união variando entre 2 e 4 anos. Estas últimas tiveram apenas 1 filho. Entretanto o número ideal de filhos para todas as entrevistadas oscila entre 2 e 3 filhos, e percebe-se entre as mais jovens a intenção de apenas atingir o número ideal recorrendo ao uso de anticoncepcionais. As mulheres mais velhas apresentam resistência ao uso de pílula por considerá-la prejudicial à saúde e valorizam a família grande ("ter muitos filhos é melhor porque há mais gente para trabalhar e ajudar. Dão despesas mas depois recu-

peram, estudam e ajudam".).

O caráter consensual da união, predominante entre as famílias entrevistadas, é justificado pelo preço inacessível do casamento civil, pela distância do cartório no caso de uniões que ocorrem na zona rural, ou pela falta de autorização dos pais no caso de uniões precoces. Ainda ocorrendo o fato de a união ter sido precedida de outra união legalizada.

São frequentes também os casamentos apenas realizados no religioso (Igreja Católica ou Evangélica) pelo motivo de um dos cônjuges já ter sido casado no civil. Embora as mulheres não casadas no civil pareçam dar importância a essa forma de casamento, ressaltando as desvantagens das uniões consensuais ou apenas religiosas ("A não casada não tem direito ao INPS do marido; tem dificuldade para registrar e batizar os filhos"), nem todas parecem preocupadas em resolver sua situação concreta. Muitas estão informadas da realização de casamentos na sede do município, por órgãos de assistência social, mas "não encontram tempo", elas ou os companheiros, para irem até o local.

A estratégia de sobrevivência desse grupo é a de inserção de todos seus elementos adultos no mercado de trabalho. As famílias dos operários permanentes são, dentre os diversos tipos de família mencionados, as que apresentam maior proporção de pessoas ocupadas em atividades remuneradas por família, ou seja 54% de seus elementos estão economicamente ocupados. Dessa maneira o trabalho feminino é frequente e se mantém importante no orçamento doméstico.

Resta saber, o que não foi possível neste momento pelo reduzido número de entrevistas abertas, como se compatibiliza neste grupo o trabalho feminino fora do domicílio e a organização das tarefas domésticas e o cuidado dos filhos, papel socialmente atribuído à mulher. É uma questão que fica em aberto e deverá ser respondida com a posterior análise das informações do survey.

O filho de uma maneira geral é visto como alguém com quem se pode contar no futuro. Existe a expectativa de que à medida em que cresça, venha a trabalhar e a ajudar financeiramente à família. O estudo embora

valorizado como meio para se conseguir melhores empregos, não é percebido com clareza nas verbalizações das entrevistas dessa categoria como alternativa ou estratégia de mobilidade ascendente para seus filhos ou para a família enquanto grupo.

- Assalariados temporários - "safristas"

O trabalho do "safrista" da indústria de fumo caracteriza-se por ser uma atividade assalariada com duração anual de 3 a 6 meses (9), e que, como estratégia de sobrevivência, é em geral combinada, no período da entressafra, com outra atividade assalariada ou de prestação de serviços como autônomo.

Na entressafra os homens são empregados — pela construção civil; — pela prefeitura municipal para serviços tais como, reparos do calçamento, abertura de valetas etc; ou — trabalham em biscates, ou seja, como autônomos fazendo serviços de eletricidade, encanamento, como pedreiros etc. As mulheres trabalham nesse período: — como empregadas domésticas (em sua maioria); — em vendas domiciliares como produtos Avon, roupas etc.; e — ainda lavam roupas para fora ou costuram em casa, como autônomas.

A situação de safristas não é recente. Um trabalho escrito em 1956 já descreve a atividade do safrista como uma atividade combinada com outra, no período da entressafra (10).

Das 26 famílias urbanas entrevistadas, 6 delas contêm safristas, correspondendo apenas um safrista por família. Os outros componentes do grupo doméstico inseridos em atividades econômicas são predominantemente operários, com menor número de trabalhadores do setor serviços.

(9) O início da "safra" nas indústrias corresponde à entrada do fumo produzido e secado nas propriedades rurais. A "safra" na indústria vai de dezembro-junho, atingindo o auge na ocupação de força de trabalho nos meses de março/abril.

(10) FACHEL, J.F. - "O Negro no Município de Santa Cruz do Sul" Boletim Informativo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1963, página 33.

Tendo sempre presente a não representatividade das entrevistas realizadas junto à população urbana de Santa Cruz nesta fase da pesquisa, as regularidades observadas nas famílias que contêm safristas são aqui resumidas como ilustração.

Essas famílias são as que apresentam o maior número de componentes e também o maior número de filhos (nascidos vivos) quando comparadas aos demais tipos de família (vide Tabelas A e B, em anexo). O número de elementos componentes da família está em torno de 6 e 7 e o número de filhos nascidos vivos é em média de 7. Números maiores, inclusive que aqueles apresentados pelas famílias de assalariados permanentes, os quais inicialmente se supunha semelhantes. Os elementos que compõem a família são com uma única exceção pais e filhos solteiros (11).

É elevado o número de uniões consensuais, de separações e recasamentos. Das 6 famílias deste tipo entrevistadas, 3 tiveram, como início uniões consensuais, sendo que duas delas eram novas uniões antecedidas também por uniões consensuais.

Muito embora através das verbalizações as mulheres não considerem muito diferente o fato de ter casado legalmente ou não, o casamento legal é sempre mais valorizado pelas vantagens que ele pode oferecer à mulher e aos filhos. As vantagens percebidas referem-se ao direito à previdência social (INPS, carteira de saúde do marido), ao acréscimo que se dá ao salário pelo salário família. Evidenciam-se aqui as pressões oriundas da legislação trabalhista (nem sempre correspondendo às suas disposições atuais), atuando como um elemento de adequação da família proletária ao padrão burguês de casamento.

O número elevado de filhos, 8, é valorizado inclusive pelas mulheres que tiveram menor número. As verbalizações são bastante claras a respeito: "famílias pobres podem ter muitos filhos, a gente trabalha"; "a vantagem de ter mais filhos é que quando são grandes ajudam os pais".

O filho é valorizado como alguém que pode colaborar nos trabalhos domésticos e que pode efetivamente contribuir para o orçamento familiar.

O conjunto das informações obtidas pelas entrevistas sugere algumas pistas a serem perseguidas nas etapas posteriores do trabalho, e levantar algumas hipóteses relacionando a inserção econômica e a reprodução destas famílias.

Dentre as 4 mulheres safristas entrevistadas, apenas uma (cujo marido se encontra preso) se ocupa em atividade remunerada no período da entressafra. Este fato sugere que:

- a) Na medida em que existem na família outras pessoas em atividades remuneradas, a atividade econômica da mulher (mãe) safrista pode representar apenas um adicional, um recurso complementar, e não essencial durante todo o ano, para o orçamento doméstico.
- b) O trabalho da mulher como safrista sem atividade econômica na entressafra, lhe permite compatibilizar a atividade remunerada com as atividades domésticas na maior parte do ano sem que haja conflito entre elas, acumulando-as apenas durante alguns meses.

Durante a safra é possível que a família venha a recorrer a uma nova organização das atividades domésticas, que pode simplesmente implicar numa reorganização interna ou necessitar de pessoas de fora do "household", ou ainda recorrer a serviços especializados como é o caso da creche (12). É importante estar atento para se perceber no decorrer da Pesquisa Nacional sobre Reprodução Humana a que estratégias a família recorre e, no caso de reorganização interna das tarefas domésticas, como ela se dá.

Os dados citados e outros que serão mencionados, praticamente confirmam a hipótese de que as diversas formas alternativas de inserção na produção influenciam as formas de organização das tarefas domésticas e possibilitam a realização de determinadas estratégias de reprodução.

(12) A grande maioria das crianças que frequentam a creche "Casa da Criança de Santa Cruz do Sul" é de filhos de safristas. Segundo o depoimento de sua diretora, durante a entressafra apenas a metade da capacidade da creche é utilizada, ficando totalmente ocupada no período seguinte. (Entrevista realizada em junho/74, "Casa da Criança de Santa Cruz do Sul").

Mais especificamente com relação a este caso, pode-se levantar a hipótese de que a inserção como safrista permite uma maior maleabilidade de no tempo dedicado ao cuidado dos filhos e às atividades domésticas, e provavelmente pode ser um estímulo a ter mais filhos. Filhos estes sempre percebidos como vantajosos ("quando são grandes ajudam os pais") nas verbalizações das mulheres dessas famílias.

Uma situação revelada pelas entrevistadas traz sugestões para a hipótese que se procura formular. Trata-se de uma família composta pelo casal e filhos, onde o marido é safrista e faz também "biscates de construção e eletricidade" por conta própria. A mulher trabalha em uma lanchonete (serviços de limpeza, copa) no período da entressafra, "quando o marido não trabalha e pode ficar com os filhos". O casal tem 8 filhos (a filha mais velha tem 11 anos, o menor 1 ano), sendo que a entrevistada se encontrava grávida no momento. O trabalho da mulher nesse caso parece ser alternativo ao trabalho masculino, e as verbalizações da entrevistada expressam que o número de filhos não se coloca como obstáculo ao seu trabalho.

Duas hipóteses complementares podem ser levantadas a partir dessa situação:

- o trabalho da mulher se coloca como alternativo ao trabalho masculino, o que provavelmente seria explicado pelo restrito mercado de trabalho para a mão-de-obra masculina na entressafra;
- a ocupação do marido como safrista possibilitaria uma maior divisão de tarefas domésticas, principalmente no que se refere ao cuidado dos filhos, atendendo à necessidade de reorganização dessas tarefas que surge com a saída da mulher para desempenhar atividades remuneradas.

Várias questões surgem a partir desse conjunto de informações, e que necessariamente devem ser respondidas pelo estudo em andamento para se compreender a reprodução deste grupo, por exemplo:

- Como se organizam as tarefas domésticas nos diferentes períodos de safra e entressafra?
- Será frequente a solução alternativa do trabalho remunerado masculino e feminino, e a divisão de tempo no cuidado dos filhos?

- Quais são as outras alternativas percebidas e as soluções encontradas?
- As diferentes soluções adotadas levariam a diferentes comportamentos com relação à reprodução e vice-versa?

Caso seja frequente a solução alternada do trabalho masculino e feminino, essa combinação permitiria a maior liberação da força de trabalho feminino, que provavelmente encontra maior número de alternativas de emprego na entressafra. Por outro lado, o número elevado de filhos é percebido como vantajoso pois estas desde logo começam a participar dos trabalhos domésticos e, a partir de 12-13 anos iniciam atividades remuneradas.

A questão é conhecer como se compatibiliza a reprodução (e mais especificamente o fato de ter filhos) quando neste caso 3 fatores atuam pressionando para direções por vezes distintas e conflitantes entre si, quais sejam:

- a baixa remuneração e pequena absorção do trabalho masculino (na entressafra);
- a baixa remuneração e maior absorção da mão-de-obra feminina (na entressafra); e,
- o estímulo a ter filhos pelas vantagens que este representa.

II.3 - Famílias de Produtores Simples de Mercadorias

Sobre a família do produtor simples de mercadorias urbano torna-se difícil mesmo levantar hipóteses em consequência do pequeno número entrevistado.

Apenas duas entrevistas captaram o que se pode considerar tipo puro de família do produtor independente que são: a família de um dentista e outra família, composta por um artesão, fabricante de arados e sua esposa, cabeleireira, proprietária de pequeno instituto de beleza em sua própria casa. Ambas famílias são tipos bastante distintos embora pertencentes à mesma categoria e, só se poderia buscar quaisquer regularidades em um número

maior de entrevistas.

As entrevistas rurais apontam algumas características desse tipo de família, naquelas áreas onde ela predomina, ou seja, nos distritos do Município ocupados por descendentes de colonos alemães: Boa Vista, Monte Alverne, Rio Pardinho, Sinimbu e Trombudo.

Nessas áreas a produção agrícola está voltada, em grande parte, para o cultivo do fumo, em pequenas propriedades, utilizando quase exclusivamente mão-de-obra familiar.

O grupo doméstico é, em geral, composto de pais e filhos solteiros tendendo os filhos casados a estabelecerem-se em outras propriedades (às vezes parte da propriedade dos pais ou sogros). Parece haver a regra de pelo menos um dos filhos — independente do sexo, ordem de nascimento ou estado civil — permanecer na propriedade, junto aos pais, e cuidar de sua manutenção na velhice. Resta saber como se resolve o problema da herança e da divisão do produto da terra entre os herdeiros, no caso de apenas alguns ou um deles permanecer na propriedade. Já existem indícios nas entrevistas abertas, no entanto a questão deve ser definitivamente resolvida com as informações do survey.

Quando o trabalho com a terra não pode ser realizado apenas pelos componentes do grupo doméstico — por serem alguns deles muito jovens ou muito idosos — surge o assalariado como elemento de certa importância.

Verificou-se através das entrevistas, que os pequenos proprietários, empregadores de mão-de-obra assalariada em caráter permanente (3 em 7 famílias entrevistadas), apresentam um número médio de 6 a 7 pessoas por família, com apenas 3 pessoas ocupadas, em média, nos trabalhos agrícolas (vide Tabela D). As pessoas não ocupadas são, no caso, pessoas em idades que não possibilitam o exercício pleno de tais atividades.

As famílias de produtores independentes, que não empregam força de trabalho assalariado (4 em 7 entrevistadas) são compostas de 5 pessoas em média, sendo 4,8 pessoas ocupadas.

maior de entrevistas.

As entrevistas rurais apontam algumas características desse tipo de família, naquelas áreas onde ela predomina, ou seja, nos distritos do Município ocupados por descendentes de colonos alemães: Boa Vista, Monte Alverne, Rio Pardinho, Sinimbu e Trombudo.

Nessas áreas a produção agrícola está voltada, em grande parte, para o cultivo do fumo, em pequenas propriedades, utilizando quase exclusivamente mão-de-obra familiar.

O grupo doméstico é, em geral, composto de pais e filhos solteiros tendendo os filhos casados a estabelecerem-se em outras propriedades (às vezes parte da propriedade dos pais ou sogros). Parece haver a regra de pelo menos um dos filhos — independente do sexo, ordem de nascimento ou estado civil — permanecer na propriedade, junto aos pais, e cuidar de sua manutenção na velhice. Resta saber como se resolve o problema da herança e da divisão do produto da terra entre os herdeiros, no caso de apenas alguns ou um deles permanecer na propriedade. Já existem indícios nas entrevistas abertas, no entanto a questão deve ser definitivamente resolvida com as informações do survey.

Quando o trabalho com a terra não pode ser realizado apenas pelos componentes do grupo doméstico — por serem alguns deles muito jovens ou muito idosos — surge o assalariado como elemento de certa importância.

Verificou-se através das entrevistas, que os pequenos proprietários, empregadores de mão-de-obra assalariada em caráter permanente (3 em 7 famílias entrevistadas), apresentam um número médio de 6 a 7 pessoas por família, com apenas 3 pessoas ocupadas, em média, nos trabalhos agrícolas (vide Tabela D). As pessoas não ocupadas são, no caso, pessoas em idades que não possibilitam o exercício pleno de tais atividades.

As famílias de produtores independentes, que não empregam força de trabalho assalariado (4 em 7 entrevistadas) são compostas de 5 pessoas em média, sendo 4,8 pessoas ocupadas.

A divisão das tarefas é feita, assim, a partir dos componentes do grupo doméstico, envolvendo as crianças, que se dedicam a trabalhos leves: e as mulheres, que acumulam atividades domésticas e agrícolas. Parece ser apenas em caso de necessidade de complementação da força de trabalho que surge o assalariamento, seja através do pagamento "in natura" — casos dos parceiros — seja através da remuneração em dinheiro.

A maior parte dos casais parece preferir que os filhos se dediquem ao trabalho na terra e os sucedam na propriedade, frequentando apenas durante alguns anos, a escola na própria "colônia". Já entre os casais mais jovens começa-se a perceber a valorização do estudo como via de ascensão social para os filhos e uma tendência de encaminhá-los, mais para a escola do que para o trabalho na lavoura. Esta tendência apenas se delineou nas entrevistas.

No que se refere à estratégia de reprodução e dada a importância de que se reveste o trabalho familiar poderia se esperar que a taxa de fecundidade fosse elevada nessa área, tal como ocorria em décadas passadas. As informações obtidas através de entrevistas entretanto sugerem que essa taxa esteja declinando, o que talvez possa ser explicado pela pequena área das propriedades, resultado da fragmentação que vem ocorrendo de forma acentuada, desde 1920. Nas entrevistas foram frequentes as afirmações de que "não é possível ter muitos filhos porque a terra é pouca para ser muito dividida".

Em gerações passadas alguns colonos parecem ter resolvido esse problema de partilha da terra através da migração de alguns dos filhos para outras áreas rurais onde poderiam reproduzir sua condição de proprietários de terras, e ainda pelo encaminhamento de alguns deles para a vida religiosa, ou para o exercício do magistério. Eram meios, ao que parece, de excluí-los da divisão da propriedade. Dessa forma, mesmo que o número de filhos fosse elevado, a terra não teria, necessariamente, que ser muito fragmentada. Atualmente, há indícios de que esses meios já não são percebidos como viáveis pelos casais, e a redução do número de filhos parece ser a forma mais frequente de conduta.

Embora o número ideal de filhos possa ser às vezes elevado (10 ou 15) o número real poucas vezes ultrapassa quatro. As razões apontadas

para esse menor número são, além do tamanho da propriedade, as dificuldades monetárias, o conflito entre a necessidade do trabalho e a educação e, por vezes, a saúde dos pais. As informações indicam que ocorreram mudanças no padrão da família nessa área, pois em gerações passadas eram frequentes as famílias com mais de 10 filhos.

Uma estratégia que também parece estar sendo utilizada e que permite combinar trabalho familiar na terra e pequeno número de filhos é a união de duas famílias, na mesma propriedade, trabalhando na qualidade de sócias. Não se conhece a extensão de tal procedimento cabendo obter maiores informações em entrevistas posteriores.

Outra estratégia percebida é a colaboração, a troca de serviços entre vizinhos em situações de emergência e em momentos de pico de trabalho. Essa estratégia permite que a família seja menor na medida em que conta com o apoio de maior número de pessoas em momentos críticos.

As uniões são, em geral, sancionadas religiosa e juridicamente no caso das famílias de produtores simples de mercadorias, parecendo haver uma clara percepção, por parte das entrevistadas, das desvantagens de uniões consensuais em termos de instabilidade, reprovação dos parentes e ausência de direitos à propriedade do cônjuge.

CONCLUSÕES

III - CONCLUSÕES

A análise das informações até o momento mostraram com certa clareza os traços comuns e as diferenças existentes entre as famílias divididas pela inserção predominante de seus membros na produção social.

A característica comum a todas elas é o padrão nuclear de família. Elas se diferenciam entre si pelo tipo e estabilidade na união predominante (proprietário e assalariado indiretamente produtivos — uniões estáveis e legalizadas: assalariados diretamente produtivos — uniões instáveis e consensuais) e principalmente pelo número de filhos tidos e pela estratégia de ocupação de seus componentes em atividades econômicas ou seja, por sua reprodução biológica e pela reprodução de sua situação de classe no dia a dia e a médio prazo.

Com relação ao número médio de filhos tidos observa-se a semelhança entre os padrões da família proprietária e da família assalariada indiretamente produtiva (3 e 2,5 filhos respectivamente, todos vivos hoje), e a distinção desse grupo com a família assalariada diretamente produtiva (5,7 filhos tidos e 4,6 vivos hoje).

Já a distinção verificada na estratégia de ocupação de seus elementos em atividades econômicas é fortemente marcada pela propriedade dos meios de produção diferenciando portanto as famílias proprietárias e as assalariadas. Os dados evidenciaram que a família proprietária, com apenas uma exceção, tem somente, um de seus membros ocupado em atividades econômicas. As famílias não proprietárias, quer sejam assalariadas indiretamente produtivas, quer sejam diretamente produtivas contam no mínimo com dois de seus componentes economicamente ocupados para garantir a sobrevivência do grupo.

Muito embora os padrões de reprodução biológica da família proprietária e da família assalariada indiretamente produtiva sejam semelhantes e o padrão desta última diferente daquele apresentado pelas famílias assalariadas diretamente produtivas, tais fatos não invalidam a hipótese de que famílias cujos membros participam diferencialmente do processo de produção social (como proprietários de meios de produção e vendedores de força de

trabalho) apresentam distintas estratégias de reprodução. Isso porque não é apenas o número de filhos que define uma estratégia de reprodução, mas também o significado desse número na estratégia de reprodução das condições de existência.

Parece evidente que o significado do pequeno número de filhos das famílias assalariadas indiretamente produtivas está intimamente relacionado à sua estratégia de reprodução de situação de classe no cotidiano e a longo prazo. Sua condição de não proprietária dos meios de produção e portanto, de vendedora de força de trabalho determina a estratégia de reprodução biológica e social dessa categoria, tanto que as "constraints" da reprodução biológica evidenciada parecem ser o alto preço que obtém no mercado sua força de trabalho feminina por um lado, e por outro lado o custo elevado da reprodução da força de trabalho de seus filhos para que estes atinjam o mesmo nível educacional dos pais ou nível ainda mais elevado.

O maior número de filhos das famílias assalariadas diretamente produtivas parece também estar associado à sua estratégia de reprodução no dia a dia. O momento do desenvolvimento do capitalismo em Santa Cruz do Sul onde coexistem tanto empresas organizadas pelo capital monopolista, como empresas capitalistas com menor investimento em capital fixo e empresas organizadas ainda em moldes não capitalistas, além das atividades sazonais (safiristas) existentes, oferece possibilidades de absorção de considerável volume de força de trabalho de baixa qualificação. Dessa maneira é ainda possível a essas famílias vender a força de trabalho de seus componentes sem grande investimento em sua reprodução. O menor preço obtido no mercado pela venda de sua força de trabalho é compensado pelo maior número de pessoas economicamente ocupadas por família, cujos esforços somados podem garantir a sobrevivência do grupo, tornando assim vantajoso um elevado número de filhos.

O conjunto das entrevistas aponta outra distinção entre estes dois grupos de famílias assalariadas com relação à percepção da reprodução das condições de existência a médio e a longo prazo. Enquanto a família assalariada indiretamente produtiva tem presente a preocupação da reprodução da situação de classe de seus filhos, portanto de sua reprodução a longo prazo, no horizonte da família assalariada diretamente produtiva está o problema mais imediato de sua reprodução no dia a dia, ou seja, do enfrentamento de sua sobrevivência.

As tabelas apresentadas a seguir (A, B, C, D e E) foram montadas a partir das entrevistas realizadas na etapa preliminar do trabalho de campo, e têm finalidade apenas ilustrativa pelo fato de os dados não serem representativos da população do município.

TABELA A - NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS E DE FILHOS ATUALMENTE VIVOS POR TIPO DE FAMÍLIA - FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - SANTA CRUZ DO SUL, 1974 (URBANA)

FAMÍLIAS	NÚMERO FAMÍLIAS	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS NASCIDOS VIVOS POR MULHER	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS VIVOS HOJE	NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS		NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS - HOJE	
				Mulheres com -50 anos	Mulheres com +50 anos	Mulheres com -50 anos	Mulheres com + 50 anos
I. Proprietária	4	3	3	3 (3 M)*	3 (1 M)	3	3
II. Ass.Ind.Prod.	5	2,5	2,5	1,75 (4 M)	3 (1 M)	1,75	3
III. Ass.Dir.Prod.	12	5,67	4,58	5,29 (7 M)	6,20 (5 M)	4,57	4,60
A. Permanente	6	4,17	2,83	1 (2 M)	5,57 (4 M)	1	3,75
B. Safrista	6	7,24	6,33	7 (5 M)	8 (1 M)	6	8
IV. Ass. + P.S.M.	3	6	5	6 (3 M)	-	5	-
V. P.S.M.	2	2,0	2	2,0 (2 M)	-	2	-
TOTAL	4,27	3,65					

FONTES: Dados tabulados a partir das entrevistas preliminares.

* Número de mulheres por grupo de idade que serviu de base para a média.

TABELA B - COMPOSIÇÃO MÉDIA DA FAMÍLIA PELO NÚMERO DE ELEMENTOS - FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - SANTA CRUZ DO SUL - 1974 (URBANA)

TIPO DE FAMÍLIA	COMPOSIÇÃO MÉDIA (Pessoas/Família)	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS OCUPADAS ECONOMICAMENTE POR FAMÍLIA	PESSOAS OCUPADAS %
Proprietária	4,75	1,50	31,58
Ass. Ind. Produtiva	4,60	2	43,48
Ass. Dir. Produtiva	4,92	2,08	42,28
a) Permanente	3,17	1,83	54,23
b) Safrista	6,67	2,33	34,29
Ass. + P.S.M.	7	2	28,57
P.S.M.	4	1,50	37,50
TOTAL	4,81	1,92	39,92

T

TABELA C - NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS E DE FILHOS ATUALMENTE VIVOS POR TIPO DE FAMÍLIA - FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - SANTA CRUZ DO SUL, 1974 (RURAL)

FAMÍLIAS	NÚMERO FAMÍLIAS	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS NASCIDOS VIVOS POR MULHER	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS VIVOS HOJE	NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS		NÚMERO MÉDIO DE NASCIDOS VIVOS - HOJE	
				Mulheres com -50 anos	Mulheres com +50 anos	Mulheres com -50 anos	Mulheres com +50 anos
Pequenc Proprietário Empregador	3	2,33	2,33	2,5 (2 M)*	2,0 (1 M)	2,5	2,0
Pequeno Proprietário Não Empregador	4	8,50	7,50	2,0 (1 M)	10,7 (3 M)	2,0	9,3
TOTAL		5,86	5,29	2,33	8,50	2,33	7,50

* Número de mulheres, por grupo de idade, que serviu de base para a média.

TABELA D - COMPOSIÇÃO MÉDIA DA FAMÍLIA PELO NÚMERO DE ELEMENTOS - FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - SANTA CRUZ DO SUL - 1974 (RURAL)

TIPO DE FAMÍLIA	COMPOSIÇÃO MÉDIA (Pessoas/Famílias)	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS OCUPADAS ECONOMICAMENTE POR FAMÍLIA	PESSOAS OCUPADAS %
Pequeno Proprietário Empregador	6,5	3	46,15
Pequeno Proprietário Não Empregador	5	4,75	95
TOTAL	4,71	4,00	84,93

TABELA E - COMPOSIÇÃO MÉDIA DA FAMÍLIA PELO NÚMERO DE ELEMENTOS COMPONENTES - FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - SANTA CRUZ DO SUL - 1974

FAMÍLIA	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS POR FAMÍLIA	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS OCUPADAS POR FAMÍLIA
Zona Urbana	4,27	3,65
Zona Rural	4,71	4,00
TOTAL DO MUNICÍPIO	4,61	4,00

COMPARAÇÕES COM DADOS CENSITÁRIOS

IV - COMPARAÇÕES COM DADOS CENSITÁRIOS. CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA EM SANTA CRUZ DO SUL

Recorreu-se ao Censo Demográfico de 1970 para melhor perceber as regularidades da família no município como um todo. As informações disponíveis do censo e as características captadas pelas entrevistas se mostraram coincidentes. Os dados se referem principalmente à configuração da família ou seja, o número de componentes e a composição do grupo doméstico por relações de parentesco.

Tomando-se o número de componentes da família, os dados censitários indicam que em Santa Cruz predomina a família de 1 a 5 componentes, representando 70,71% das famílias locais. A distribuição percentual pode ser verificada nas Tabelas 1 e 2, sendo que na Tabela 2, a composição se torna mais evidente pelo fato de se ter homogeneizado os intervalos.

No intervalo de 1 a 5 componentes, destacam-se com porcentagens mais elevadas as famílias de 4 elementos componentes, com 19% do total das famílias. Em ordem decrescente estão as famílias de 3 componentes (18,42%), de 2 (16,36%), de 5 (14,35%) e de 1 componente (2,10%).

Comparando esses dados com os de Porto Alegre, percebe-se que na capital a proporção de famílias com até 5 elementos componentes representa 31% das mesmas, e que a maior proporção delas se encontra nas famílias compostas por 3 pessoas (21%). Fica evidente então, que embora a família em Santa Cruz possa ser considerada pequena enquanto comparada com outros municípios em estágios semelhantes de desenvolvimento do capitalismo, ela permanece maior que a de Porto Alegre onde o capitalismo com certeza já se encontra mais consolidado e exerce maiores pressões sobre a conformação familiar.

O número médio de pessoas por família é de 4,62 (*) em Santa Cruz do Sul e 3,98 em Porto Alegre. Tanto em um como em outro município pode-se considerar como não elevado o número de pessoas por família.

(*) O número médio de pessoas por família obtido através das entrevistas abertas foi de 4,61.

Observando-se a composição da família por relações de parentesco os dados censitários mostram que predomina a família nuclear, composta por pais e filhos, com reduzida presença de outros parentes no mesmo "house hold". Estas informações do censo demográfico são coincidentes também com as indicações obtidas pelas entrevistas. O agregado é elemento praticamente inexistente nessa organização familiar.

A existência da família nuclear se evidencia quando se verifica que:

- o número médio de filhos residindo com cada família é de 2,45;
- o número médio de chefes e cônjuges (pais) somados por família é de 1,87;
- a soma desses elementos já compõem uma família média de 4,32 pessoas;
- somando-se a esse número médio de parentes de todos os tipos, os agregados, os pensionistas e os empregados, obtêm-se os restantes 0,30 pessoas por família, compondo a família de 4,62 pessoas, que é o tamanho médio da família no município.

A participação percentual dos tipos de elementos componentes da família em Santa Cruz pode ser encontrada nas Tabelas 3 e 3a, sendo as informações principais as seguintes:

- "chefes e cônjuges" compõem 40,40% dos elementos da família;
- "filhos" representam 53% dos elementos residentes, devendo ser notada, em termos comparativos, a maior proporção de filhos do sexo masculino (52%);
- "outros parentes" representam 2,87% dos residentes, e "pais e sogros" 1,51% dos mesmos. Em ambos os grupos é acentuada a predominância dos elementos do sexo feminino, destacando-se no último grupo (mães e sogras), compondo 30% do mesmo.

TABELA 1 - FAMÍLIAS POR NÚMERO DE ELEMENTOS COMPONENTES - SANTA CRUZ DO SUL
E PORTO ALEGRE - 1970

NÚMERO DE COMPONENTES	SANTA CRUZ DO SUL			PORTO ALEGRE		
	FAMÍLIAS			FAMÍLIAS		
	Nº	%	% Acumulada	Nº	%	% Acumulada
1	386	2,10	2,10	11.672	5,46	5,46
2	3.007	16,36	18,46	41.530	19,41	24,87
3	3.384	18,46	36,88	44.560	20,83	45,70
4	3.488	18,98	55,86	43.156	20,17	65,87
5	2.728	14,85	70,71	32.508	15,20	81,07
6-10	4.961	27,00	97,71	38.899	18,28	99,35
11-14	413	2,25	99,96	1.337	0,63	99,98
15 e +	8	0,04	100,00	43	0,02	100,00
TOTAL	18.375	100,00		213.910	100,00	

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Censo Demográfico de 1970 - IBGE.

TABELA 2 - FAMÍLIAS POR GRUPOS DE ELEMENTOS COMPONENTES - SANTA CRUZ DO SUL
E PORTO ALEGRE - 1970

NÚMERO DE COMPONENTES	SANTA CRUZ DO SUL	PORTO ALEGRE
	Famílias (%)	Famílias (%)
1-5	60,71	81,07
6-10	27,00	18,28
11-14	2,25	0,63
15 e +	0,04	0,02
TOTAL	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Censo Demográfico de 1970 - IBGE.

TABELA 3 - COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA POR RESIDENTES SEGUNDO SEXO - SANTA CRUZ DO SUL - 1970

COMPONENTES	PESSOAS POR FAMÍLIA*	TOTAL PESSOAS		HOMENS		MULHERES	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Chefes	1	18.375	21,64	16.473	39,15	1.902	4,44
Cônjuges	0,87	15.929	18,76	-	-	15.929	37,19
Filhos e enteados	2,45	45.043	53,05	23.332	55,46	21.711	50,69
Pais e sogros	0,07	1.280	1,51	255	0,61	1.025	2,39
Outros parentes	0,13	2.435	2,87	1.146	2,72	1.289	3,01
Agregados	0,02	306	0,36	171	0,41	135	0,32
Pensionistas	0,05	951	1,12	654	1,55	297	0,69
Empregados	0,03	582	0,69	41	0,10	541	1,26
TOTAL	4,62	84.901	100,00	42.072	100,00	42.829	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Censo Demográfico 1970 - IBGE.

(*) Total de Famílias - 18.375 (vide Tabela 1).

TABELA 3a - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS COMPONENTES DA FAMÍLIA SEGUNDO SEXO - SANTA CRUZ DO SUL - 1970

COMPONENTES	TOTAL %	HOMENS %	MULHERES %
Chefes	100,00	89,6	10,4
Cônjuge	100,00	-	100,00
Filhos e enteados	100,00	51,8	48,2
Pais e sogros	100,00	19,9	80,1
Outros parentes	100,00	47,1	52,9
Agregados	100,00	55,9	44,1
Pensionistas	100,00	68,8	31,2
Empregados	100,00	7,0	93,3
TOTAL	100,00	49,6	50,4

FONTE DE DADOS BRUTOS: Censo Demográfico 1970 - IBGE - (Vide Tabela 3)